

# Memórias e narrativas negras na cidade de Laguna/Sul do Brasil:

Possibilidade de construção de conhecimento no campo da história do tempo  
presente desde uma perspectiva decolonial

**Willian Felipe Martins Costa**

## **Resumo:**

O intuito deste artigo é refletir possibilidades teórico-metodológicas para a construção de conhecimento no campo da história do Tempo Presente desde uma perspectiva decolonial. Para isso, busco no diálogo com produções situadas nos campos dos estudos Pós-Coloniais e Decoloniais, bem como, estudos Afro-brasileiros e da Diáspora as ferramentas analíticas e conceituais que me possibilitem pensar e desenvolver um trabalho metodológico no campo da historiografia História do Tempo Presente. Para abordar essas questões busco na análise de memórias e narrativas acerca da capela e Irmandade de N. S. do Rosário dos Homens Pretos observar a constituição de um território negro na cidade e no tempo presente. As fontes principais para o trabalho historiográfico que trago trecho de entrevistas realizadas durante o ano de 2021 com pessoas da cidade. Junto às fontes orais busquei acionar fontes arquivísticas, trechos de periódicos e textos de memorialistas datados do século XX.

**Palavras-chave:** Memórias e narrativas negras. História do Tempo Presente; decolonialidade.

## **Abstract:**

The purpose of this article is to reflect theoretical and methodological possibilities for the construction of knowledge in the field of the history of the Present Time from a decolonial perspective. For this, I seek in dialogue with productions located in the fields of postcolonial and decolonial studies, as well as Afro-Brazilian and Diaspora studies the analytical and conceptual tools that enable me to think and develop a methodological work in the field of historiography History of the Present Time. To address these issues I seek in the analysis of memories and narratives about the chapel and Brotherhood of N. S. do Rosário dos Homens

Pretos to observe the constitution of a black territory in the city and in the present time. The main sources for the historiographical work that I bring excerpt of interviews conducted during the year 2021 with people from the city. Next to the oral sources I sought to trigger archival sources, excerpts from periodicals and texts of memorialists dating from the twentieth century.

**Keywords:** Black memories and narratives. History of the Present Time. Decoloniality.

## Introdução: caminhos da pesquisa

Certo dia caminhando pelo centro histórico da cidade de Laguna, no sul do Brasil, na companhia de meu avô, “Seu” João, ouvi dele a história sobre uma antiga “igrejinha” que existia no alto do morro do Rosário, bem perto da praça República Juliana, uma das mais importantes da cidade. Lembro-me dele falar que essa tal igreja era dedicada aos cultos católicos dos marinheiros, que pela proximidade do templo com o porto realizavam suas celebrações antes de partir para o mar. Durante nossas caminhadas era costume de meu avô contar histórias da cidade e ao fazer isso trazia muito de suas memórias. Eu era ainda criança e lembro-me dele falar sobre o antigo porto; sobre o trem que chegava até o centro da cidade carregado de carvão e de sempre trazer memórias de infância, muitas das quais eram episódios de suas aventuras na Laguna. No dia em que ele me falou da igreja do morro Rosário eu fiquei muito curioso sobre aquele lugar. Quis entender sua história e observar a igreja por dentro, porém, logo descobri que aquele espaço não existia mais, pois havia sido demolida há muito tempo. Isso apenas me deixou mais curioso e ao longo da minha juventude continuei procurando informações sobre aquele lugar de devoção. Passei a pesquisar vestígios sobre a existência da igreja dos marinheiros e assim encontrei vestígios da irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos da Laguna. Tal irmandade, que existiu provavelmente do século XVIII até o início do XX, era formada por africanos(as) e seus descendentes nascidos no Brasil, escravizados, livres ou libertos, e foi a responsável pela construção da igreja. Ainda na adolescência compreendi que aquele espaço era constituído por narrativas históricas que não eram contadas na escola ou tão pouco nos espaços públicos da cidade, além disso, posteriormente ao ingressar na universidade, percebi que o morro, a capela e a irmandade do Rosário constituem juntos um território de agência histórica das populações negras da cidade. A partir desse ponto passei a trilhar um caminho que me levou a desenvolver meu projeto de pesquisa no mestrado, no qual propus trabalhar com as memórias e narrativas negras<sup>65</sup> da cidade de Laguna, visando construir um conhecimento histórico sobre o município que incorpora as perspectivas de suas populações negras. Nesse sentido, posso dizer que as narrativas e memórias de meu avô foram o início de minha caminhada.

---

<sup>65</sup> O conceito de narrativas negras é pensado aqui a partir do que nos coloca o teórico indiano Homi Bhabha. Para ele, as narrativas são a forma que os sujeitos subalternizados sustentam uma crítica ao eurocentrismo. A partir do ato de narrar suas histórias esses sujeitos, que experienciam a colonialidade e toda a sua violência, se colocam em uma perspectiva pós-colonial (BHABHA, 2007, p. 240). As narrativas em uma perspectiva pós-colonial são políticas frente às demandas por memória e as reminiscências de um passado que não só não passou como ainda é constituinte de experiências da sociedade.

Dito isso, nas próximas páginas busco apresentar alguns resultados preliminares frutos do meu caminhar da pesquisa de mestrado que desenvolvo junto ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC e ao coletivo do Laboratório de Estudos Pós-Coloniais e Decoloniais - AYA.<sup>66</sup> O intuito deste artigo é refletir possibilidades teórico-metodológicas para a construção de conhecimento no campo da história do Tempo Presente desde uma perspectiva decolonial.

Para isso, busco no diálogo com produções situadas nos campos dos estudos Pós-Coloniais e Decoloniais, bem como, estudos Afro-brasileiros da Diáspora e da História Oral as ferramentas analíticas e conceituais que me possibilitem pensar e desenvolver um trabalho metodológico no campo da historiografia História do Tempo Presente, que seja comprometido politicamente com a luta antirracista e perspectivas plurais de decolonização. Nesse sentido, as escolhas bibliográficas e metodológicas vão ao encontro de uma perspectiva que visa uma prática decolonial, que aponta para uma construção de conhecimento sobre, com e a partir dos sujeitos de pesquisa (MORTARI & WITTMANN, 2018). Tal perspectiva, no campo da História, proporciona uma ampliação do olhar e caminha em direção a uma prática na produção de conhecimento histórico a qual a historiadora do campo dos estudos africanos Claudia Mortari (MORTARI, 2016), no diálogo com o sujeito de sua pesquisa, o escritor nigeriano Chinua Achebe, vai chamar um “equilíbrio das histórias”, que diz respeito ao direito de populações subalternizadas narrarem suas próprias histórias.

Esta reflexão parte também do entendimento de que o historiador(a) do tempo presente tem como um dos pontos básicos de seu ofício a reflexão sobre seu próprio tempo, nesse sentido, estes profissionais, atentam-se aos passados que habitam o presente, e que geram nesse reverberações, tem um compromisso ético e político frente a memória dos mortos e demandas dos vivos (AREND et al, 2021). Com base nisso, ao pensarmos a cidade de Laguna e as questões que tangem suas populações negras no presente, qual o passado que não passou? Que demandas são apresentadas no presente pelos sujeitos a partir de suas apropriações deste passado?

Para abordar essas questões busco na análise de memórias e narrativas acerca da capela e Irmandade de N. S. do Rosário dos Homens Pretos observar a constituição de um território

---

<sup>66</sup>O Laboratório de Estudos Pós-Coloniais e Decoloniais – AYA (UDESC) tem como objetivo geral congrega pesquisadores(as), professores(as) e estudantes do campo dos Estudos Africanos e da História Indígena comprometidos(as) com um trabalho multidisciplinar e transdisciplinar que procuram a construção de um conhecimento acadêmico, científico e social comprometido com a interpretação decolonizada acerca das experiências de diversos sujeitos sociais. Para além dos méritos acadêmicos pensamos na importância de valorizar racionalidades outras, neste sentido é necessário dizer que nos permitimos apreciar sentimentos que alimente os espíritos de amizade e otimismo criando uma comunidade de aprendizagem baseados na generosidade e no prazer de educar. O laboratório é coordenado pelas Prof<sup>as</sup> Dr<sup>as</sup> Claudia Mortari e Prof<sup>as</sup> Dr<sup>as</sup> Luísa Tombini Wittmann.

negro na cidade e no tempo presente, que está alicerçado nas memórias de suas populações negras. Com isso, as fontes principais para o trabalho historiográfico que trago trecho de entrevistas realizadas durante o ano de 2021 com pessoas da cidade, e que nessa pesquisa passam a ser entendidas enquanto pessoas da pesquisa, não objetos de pesquisa. Junto às fontes orais busquei acionar fontes arquivísticas, trechos de periódicos e textos de memorialistas datados do século XX para produzir uma costura da memória (PAULINO, 2018), onde as diferentes narrativas, em suas aproximações e diferenças, permitem uma análise histórica mais ampla e complexa sobre a cidade e os espaços de devoção ligados às populações negras.

## **Um passado que não passa: colonialidade e narrativas históricas no sul do Brasil**

Aníbal Quijano, sociólogo e pensador peruano, vai definir a colonialidade como

[...] um dos elementos constitutivos e específicos do padrão mundial do poder capitalista. Sustenta-se na imposição de uma classificação racial/étnica da população do mundo como pedra angular do referencial padrão de poder e opera em cada um dos planos, meios e dimensões, materiais e subjetivas, da existência social cotidiana e da escala societal. Origina-se e mundializa-se a partir da América (QUIJANO, 2009, p. 73).

Nesse sentido, compreendo que a formação do sul do Brasil de Santa Catarina e, conseqüentemente, da cidade de Laguna está inserida no espaço geopolítico amefricano (GONZALES, 2008). Espaço geopolítico se constitui enquanto um conceito que vai buscar compreender para além da questão de localização geográfica os elementos políticos sociais que perpassam as diferentes experiências humanas em um determinado lugar, região, país; diz respeito ao espaço político ocupado no sistema moderno/colonial (MIGNOLO, 2003). No caso da América, esse espaço é marcado pelo racismo estrutural proveniente da colonialidade que permeia as relações sociais, culturais e econômicas no Brasil. Segundo os historiadores Claudia Mortari e Paulino Cardoso:

Vivemos num estado caracterizado, entre outras coisas, por um discurso e uma propaganda sistemática que acabou construindo uma imagem de um pedacinho da Europa no sul do Brasil. Tal discurso, aliado a uma determinada prática historiográfica, contribui para construir a invisibilidade acerca da presença, história, vivências e sobrevivências das populações de origem africana no estado (CARDOSO; MALAVOTO, 2008, p. 18).

Assim sendo, a cidade de Laguna conta com uma narrativa histórica ainda muito pautada em uma historiografia da primeira metade do século XX que se constituiu com base em

referenciais eurocentrados e de populações brancas. Eu nasci na cidade de Laguna e à medida que fui crescendo passei a tentar entender o porquê das histórias que minha família contava não eram também contadas, por exemplo, na escola ou nos museus da cidade.

No que tange a historiografia catarinense, em relação a temática das populações negras, podemos em um primeiro momento percebê-la enquanto um elemento da modernidade/colonialidade, e que sendo assim foi acionada em muitas oportunidades para atender a objetivos políticos. Assim como no Brasil, que na primeira metade do século XIX recorre a criação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), para sanar a preocupação em construir uma história que afirmasse uma identidade nacional ligada à monarquia e garantisse nossas fronteiras, Santa Catarina no início do século XX, com a criação do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina (IHGSC), buscará sanar preocupações semelhantes em um contexto diferente. As demandas políticas frente a República e as disputas de fronteiras do Estado, bem como, a necessidade de criar narrativas históricas que proporcionasse uma identidade para os povos que aqui viviam ganham nesse momento destaque (GONÇALVES, 2006). Para isso, vários historiadores dedicaram-se a construção de narrativas sobre os elementos que em suas concepções eram os formadores do Estado e tinham a necessidade de ser destacados. No entanto, inseridos na colonialidade, pautados em referenciais eurocentrados e no racismo do século XIX, pouco se ativeram a presença e agência das populações de origem africana e indígenas, e quando o fizeram, foi de forma reducionista, homogeneizante e inferiorizante.

Nomes como Oswaldo Rodrigues Cabral, Heitor Blum, Walter Piazza, Crispim Mira, Henrique Fontes e Carlos da Costa Pereira, homens brancos, em sua maioria ligados ao Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina dedicaram-se principalmente na primeira metade do século XX a escrever uma história com abordagem local/estadual tradicional de Santa Catarina (WOLFE, 2009), mas em suas obras deixaram o silêncio sobre as populações negras (GONÇALVES, 2006 apud LEITE, 1996, p. 43; CARDOSO, 2000, p. 21). E se esse silêncio era quebrado, muitas vezes, a abordagem não evidenciava as agências históricas desses sujeitos, ou até as reduzia, sendo possível encontrar poucos que os tenham abordado de forma menos objetificada. Cabral, por exemplo, em seu livro *Laguna e outros ensaios* (1939) coloca que a presença de escravizados na então província de Santa Catarina foi insignificante e que sendo assim “Não é de admirar que, com a reduzida porcentagem de cativos existentes em Santa Catarina que nada ou quase nada tenha ficado em nossa literatura e em nossa história a seu respeito” (CABRAL, 1939, p. 166),

O historiador João Batista Bitencourt (2016) nos ajuda a entender um pouco esse panorama e as demandas colocadas frente a ele, que vão acontecer em três momentos. No primeiro deles a historiografia precisava atender as emergências republicanas no Brasil e em Santa Catarina. Além disso, necessitava afirmar a imagem do litoral do Estado e a colonização portuguesa frente ao crescente das ocupações ítalo-germânicas no interior. Buscou-se então na República Juliana a sustentação para uma ideia de Laguna enquanto berço da ancestralidade republicana em Santa Catarina, para assim afirmar sua importância. Já no pós anos 30 a emergência historiográfica da cidade muda. O foco enquanto a afirmação de uma identidade e importância ganha outros elementos. Agora a Laguna além de berço republicano do Estado é também capital cultural da região; localidade inicial da colonização, e responsável pelo surgimento e desenvolvimento das cidades vizinhas. Esse discurso vai se colocar frente a um desenvolvimento capitalista precário da cidade e em contrapartida ao desenvolvimento de cidades como Tubarão e Criciúma, antigas regiões pertencentes a Laguna. Nos anos 80 a história vai se aliar a economia e buscará reafirmar a importância da cidade por seus elementos republicanos e de colonização, mas agora aliados à valorização das belezas naturais e arquitetônicas que vão transformar Laguna em patrimônio nacional. O tombamento de seu centro em 1985 oficializa um discurso de “cidade histórica” e turística.

Parte dessa historiografia acerca da cidade, além de Cabral, contou com nomes como José Johanny, ligado ao IHGSC e Jornalista e Saul Ulyssea empresário e comerciante para citar só esses. Acerca da temática das populações de origem africana nem um dos dois atentou-se profundamente para essas experiências. Ulyssea, por exemplo, apesar de reconhecer a existência dessas populações ao traçar, a partir de suas memórias em sua obra *A Laguna de 1880* (1943) nomes de alguns sujeitos de origem africana e alguns espaços por eles ocupados na cidade, o faz de forma descritiva contendo apenas suas profissões ou posições sociais e procedências na cidade.

A permanência de um discurso historiográfico colonial até os dias atuais na cidade, bem como as tentativas de superá-lo, vai de encontro a algumas perspectivas discutidas no campo da História do Tempo Presente. Ao se perceber a questão das históricas acerca das populações de origem africana e das populações negras em Laguna enquanto uma expressão do que historiador francês Henry Rousso vai chamar de “um passado que não passa” (ROUSSOU, 2016), ou sejam, o passado colonial, presente na colonialidade. Essa que invisibiliza e hierarquiza experiências; influenciam nas identidades e causa o que a intelectual negra Sueli Carneiro (2005) vai chamar epistemicídio, o genocídio de epistemologias. No entanto, é preciso destacar que estes passados que não passam, ou seja, “passados que constituíram grandes

traumatismos nas identidades e nas consciências históricas nacionais” (DELACROIX, 2018, p. 45) tem como uma das características identificadas no campo da HTP a gerar reverberações e ações no presente. Nesse sentido, em relação às populações negras da cidade observa-se, por exemplo, a contestação dessas próprias populações em ter suas experiências e agências históricas reconhecidas. Um exemplo é a mobilização por parte do movimento negro de Laguna para a criação de uma praça no antigo local da igreja do Rosário. Essa demanda, além da curiosidade que trago desde menino, fizeram eu me atentar para esse e outros espaços de devoção da cidade.

## **Espaços de devoção e a costura da memória: sentidos e possibilidades**

Inicialmente, em meu projeto de pesquisa, meu objetivo era construir uma narrativa histórica que abrangesse diferentes espaços negros da cidade de Laguna, ligados a eixos como trabalho, educação e celebrações. Nas conversas que tive com as pessoas de minha pesquisa, pude identificar a constituição de alguns desses diferentes lugares; as memórias e narrativas trazidas pelo Sr. Antônio Luiz de 73 anos, meu primeiro entrevistado, por exemplo, me levaram a uma Laguna de sua infância onde as sociedades musicais eram espaços pontualmente marcados pela presença de músicos negros. O Sr. Antônio se recordou muito de seu pai e seu padrinho, ambos músicos conhecidos da cidade. Já a professora Janice do Reis de 61 anos, filha de Paulo Tiburcio dos Reis, conhecido como Paulinho “Baeta”, fundador da escola de samba “Brinca Quem Pode”, trouxe muitas recordações de seu pai e da formação do bairro da Roseta, localidade onde está situada a escola, e que na primeira metade do XX foi núcleo de moradia de muitas famílias negras da cidade. Claudete trouxe memória de sua infância na localidade do Farol de Santa Marta; compartilhou histórias sobre suas tias avós, também professoras e filhas de Julia Crispino do Nascimento, professora negra que no ano de 1903 montou uma escola mista para a alfabetização na cidade e se constituiu enquanto uma referência para a comunidade. Claudete também se emocionou ao relembrar os tempos de infância e juventude, quando vinha passar as férias na casa da avó materna, e contou histórias sobre seu bisavô, um exímio carpinteiro dono de barcos e confrade da Irmandade do Rosário.

Tomando a oralidade como um elemento central<sup>67</sup> busquei incorporar suas perspectivas sobre processos históricos de Laguna ao reconhecê-las enquanto corpos-política do

---

<sup>67</sup> Nesse sentido a fonte oral é entendida aqui dentro de seus contextos de produção, como estipula prática historiográfica. O que reforça o entendimento que “fazer história oral significa, portanto, produzir conhecimentos históricos, científicos, e não simplesmente fazer um relato ordenado da vida e da experiência dos “outro” (LOZANO, 2006, p. 17).

conhecimento, assim sendo, produtoras de conhecimento acerca de si a partir de suas experiências situadas em um determinado espaço geopolítico (ESCOBAR, 2014; BERNARDINO-COSTA et al., 2020, p. 11- 13). Nesse sentido, muitas foram as possibilidades encontradas nas narrativas orais das pessoas de minha pesquisa. Cada uma partindo de seus diferentes lócus de enunciação narraram múltiplas experiências das populações negras da cidade, no entanto, neste processo identifiquei algumas características em comum, logo fiz a escolha de me atentar para a presença dos espaços de devoção. Em específico destaco a igreja do morro do Rosário.

Com esse ponto sulcore definido, o trabalho seguiu metodologicamente uma “costura da memória”, com o objetivo de construir narrativas outras sobre esses espaços. Em minha pesquisa a costura da memória se constitui a partir do diálogo pontual com a artista plástica negra brasileira Rosana Paulino e com o historiador camaronês Achille Mbembe. Ambos os intelectuais pensam a partir de suas áreas de atuação a questão da memória, sendo ainda mais fundamentais para discussões que pretendem abordar as memórias de pessoas racializadas no processo da colonialidade. Segundo Mbembe: “as formas negras de mobilização da memória da colônia variam segundo as épocas, aquilo que está em jogo e as situações”. Com base nisso, é possível pensar as memórias negras de Laguna, acionadas em diferentes presentes, a partir de representações que “vão desde a comemoração ativa ao esquecimento, passando pela nostalgia, pela ficção, pelo recalçamento, pela amnésia e pela reapropriação, até diversas formas de instrumentalização do passado nas lutas sociais em curso” (2014, p. 179 - 180). Isso posto, a costura da memória identificada nas obras de Paulino (2018), específico destaco a obra “Parede da memória” (1994/2015), onde a artista construiu uma colcha de retalhos com onze fotografias de sua própria família multiplicadas até formarem um painel com 1500 retratos, costurados em forma de patuás, me abriu a possibilidade de pensar o trabalho historiográfico com as fontes orais em conjunto com outras fontes documentais. A composição da parede da memória evidencia que contar uma história das populações negras necessita de um alinhavar de múltiplas memórias, mobilizadas de diferentes formas, como colocado por Mbembe, e em diferentes formatos, como as fotografias trazidas por Paulino. Com esta metodologia busquei construir narrativas históricas que ampliassem o olhar colonial sobre Laguna, investigando acerca de diferentes agências históricas negras e incorporando suas perspectivas sobre suas histórias e espaços.

## A Capela de N. S. do Rosário dos Homens Pretos da Laguna

Encontrando-se no alto de uma elevação nas imediações do Potreiro, região inicial do centro da Laguna, o templo católico dedicado à Nossa Senhora do Rosário dos Pretos destacava-se no cenário. Múltiplos elementos compunham esse espaço, dentre eles, os de fé e ancestralidade. Tendo sua construção iniciada em 1845 o templo abrigava os cultos, festejos e sociabilidades de africanos e seus descendentes no século XIX e início do século XX. Essas pessoas se organizavam em irmandades que mantinham a igreja; eram elas a de N. Sra. do Rosário, N. Sra. do Parto e N. Sra. da Conceição, sendo a primeira composta por pretos da costa (africanos), a segunda por pretos e a terceira por mulatos (ULYSSÉA, 1976, p. 182).

Os poucos registros escritos que encontramos sobre a igreja (AVÉ-LALLEMANT, 1980; DALL'ALBA 1979; ULYSSÉA, 1979) nos permitem identificar alguns elementos centrais na ocupação e formação do espaço social de africanos e seus descendentes no século XIX e início do XX em Laguna. Porém, são narrativas construídas a partir de determinados olhares datados sobre o passado e, em sua maioria, coloniais. Eles não dão conta de preencher muitas lacunas ainda existentes sobre o Morro e a igreja do Rosário em Laguna. Nesse sentido, a fonte oral, como dito anteriormente (ALBERTI, 2013; LOZANO, 2006), se apresenta como uma importante ferramenta na pesquisa histórica sobre o tema. A partir delas, por exemplo, podemos entender como as populações negras da cidade narram e dão sentido a esse espaço no presente. O dito e não dito; as referências de pertencimento e os elementos expressados na oralidade dos entrevistados permitem uma análise dos movimentos históricos que compõem as múltiplas visões sobre o passado da cidade.

Quando comecei a escrever meu projeto de pesquisa a primeira pessoa que pensei em entrevistar foi Claudete do Nascimento, lagunense, professora do município e militante nos movimentos sociais negros de Laguna. Foi conversando com ela, em fevereiro de 2020, que comecei a traçar minha rede de entrevistados. A professora foi a primeira a se disponibilizar. Um ano depois realizamos nossa conversa via *internet*, devido às restrições da pandemia de coronavírus. A entrevista foi do tipo “história de vida”, onde a trajetória de vida do indivíduo tem relação com o tema pesquisado (ALBERTI, 2013), no caso a presença negra em Laguna a partir das vivências de Claudete, mulher negra moradora da cidade. Dentre os diferentes temas que foram desenvolvidos pela entrevistada, a partir de perguntas semiestruturadas feitas por mim, a história da igreja de Nossa Senhora do Rosário apareceu a partir de alguns elementos. O trecho a seguir veio como resposta à pergunta: quais lugares fazem parte da história negra da cidade e que você considera importante que tenham suas histórias contadas.

A história... A história bem importante é a história da igreja Nossa Senhora do Rosário né essa história aí é bem importante porque isso que a gente veio discutir depois eu já participei de seminário com o Thiago Sayão né a gente conversou a pesquisa dele e tal porque foi uma história que ela foi muito encoberta né é uma história mal contada na verdade daí a gente vai vendo tu vai lendo e tu vai entendendo que a história é mal contada. Porque que o que acontecia né, pensa né uma igreja construída para o negro de uma irmandade de negro que ficava em destaque onde podia ser vista de qualquer lugar enquanto a igreja matriz que era dos brancos ficava aqui no pé de morro né. Como é que deixaram uma igreja cair sendo que tu vê em todo Brasil né a maioria das igrejas de Nossa Senhora do Rosário elas estão de pé. Tu vais em Florianópolis né vários lugares que são construções sólidas... Como é que aqui em laguna né foi demolida? E a matriz? Que foi construída pelas mesmas pessoas, que foram os negros; os negros construíram a matriz, construíram a igreja Nossa Senhora do Rosário né com a mesma é... A mesma inteligência; com a mesma arquitetura. Como é que aquela igreja lá foi assim deixaram a igreja... Tu não achas a história bem mal contada? Eu acho essa história bem mal contada. A gente até discutiu isso quando o Thiago apresentou o projeto, a gente falou sobre isso. Inclusive o Batista Cruz ainda falou. Porque essa história é a história que né... é uma história contada em lugar nenhum. Não era contada na escola, não era contada na igreja, não era contada (NASCIMENTO, 2021, s.p).

A professora Claudete não viveu a época em que a igreja estava de pé, tão pouco fez menção de ter obtido conhecimento da história em suas vivências familiares. “Só vim descobrir que a igreja do Rosário foi construída por uma irmandade dos pretos bem depois, imagina! [...] Porque é uma história que muito pouca gente sabe, assim, não sei” (NASCIMENTO, 2021, s.p). Porém, foi a igreja que ela destacou em primeiro lugar enquanto importante para a história negra da cidade. O que isso nos revela? Primeiramente um narrar que mobiliza uma memória coletiva que dá significado de importância e reivindica para si a história da igreja.

Após identificar uma história mal contada, Claudete narra a igreja em um lugar de destaque, evidenciando um olhar outro para o passado, diferente das narrativas tradicionais brancas. Uma pista dos motivos que levaram a professora a mobilizar a memória a partir desse olhar, podendo nos ajudar a entender no presente os sentidos e significados da igreja do Rosário para a população negra da cidade, é a menção a pesquisa do historiador Thiago Sayão e as discussões em um seminário. Tal articulação está relacionada à participação de Claudete no movimento social negro da cidade. Sendo assim, é de um lugar de militância que ela dá sentido no presente às experiências negras do espaço do Morro do Rosário. O que nos faz pensar que a memória da professora acerca desse espaço é uma memória coletiva que está na política.

Já a entrevista com o Sr. Antônio o território do Rosário foi mobilizado no presente, a partir de suas memórias, no reconhecendo a importância da oralidade e na interlocução comigo.

Discorrendo a partir do tema narrativas históricas da cidade o Sr. Antônio fez uma reflexão sobre “quem conta a história de Laguna” e logo em seguida falou a primeira vez sobre o território do Rosário.

Você estava falando uma coisa, por exemplo, da questão da história que é contada. A história que é contada é por aqueles que tinham realmente o *poder da escrita*, da imprensa, isso não estava, por exemplo, a sociedade... [pausa] esse poder não estava restrito a determinadas, digamos assim, classes ou etnias como seria a nossa etnia racial. Então dava essa *conotação de oralidade* que tem muito a ver com a etnia indígena e de origem africana também, que as coisas passam no sentido oral. *A gente ouvia muita história*. Então, por exemplo, a história da igreja do Rosário era muito recorrente, até porque como você já estudou, a Irmandade do Rosário tem um papel fundamental nessa socialização da etnia afro-brasileira. Ela permitiu uma certa socialização, inclusive uma forma de manter a cultura afro trazida da África e que foi apagada em um certo sentido pela escravização (REIS, 2021, s.p., *grifos meus*).

A fala do Sr. Antônio possibilita pensar algumas coisas, a primeira é o sentido de importância que a oralidade ganha enquanto uma estratégia frente ao epistemicídio que pontuou Carneiro (2005). Esse que praticado por aqueles que detinham o poder da escrita, fixada pela colonialidade do saber como meio central de difusão do conhecimento, fez com que as histórias das populações indígenas e de origem africana não fossem, muitas vezes, contadas. No entanto, como colocou o Sr. Antônio: “A gente ouvia muita história”. A segunda questão é pensar que tipo de memórias são mobilizadas no presente para dar sentido ao território do Rosário. Nessa perspectiva, identifico *memórias sentimento* sobre o espaço de devoção do Rosário, vinculada a vivências e pessoas de sua infância.

Eu não cheguei a ver a igreja de pé, evidentemente, ela foi demolida por volta de 1930 e eu nasci em 1948, mas eu me lembro ainda que havia inclusive o padrinho tocando, o pai tocando. Havia uma festa religiosa ainda com reminiscência do Rosário, isso ali por volta de 1954 por aí, ainda se fazia isso! E ali [no morro do Rosário] eu me lembro que a gente via parte, não sei se... — agora faz tempo que não vou ali em cima —, mas existia ainda no solo parte da estrutura da igreja (REIS, 2021, s.p).

É possível que nesses momentos festivos, por exemplo, o Sr. Antônio tenha ouvido histórias sobre aquele espaço e essas histórias tenha preservado a memória coletiva de uma Irmandade que, pela agência histórica de uma população racializada em um sistema de escravidão, significou um espaço possível para essas pessoas resistirem, reinterpretarem e criarem novas formas de ser e estar no mundo, a partir da experiência na América, marcada por matrizes africanas de conhecimento (GONZALES, 1988). Nesse sentido, penso ser no cruzamento dessas memórias que possuem afeto com pai e padrinho, por exemplo, com uma

memória ancestral de reconstituição de vidas e de resistências no contexto da escravidão é que fazem o território do Rosário ganhar sentido afetivo no presente.

Mas assim, o que a gente tem uma afeição muito grande por essa igreja é pelo que ela representou em termos de amparo social para muitos negros na Laguna. Porque uma das [funções] que a gente sabe, que a gente já pesquisou também; procurou se interessar, é que uma das funções da Irmandade era também era angariar fundos para cartas de alforria, então era uma forma de libertar também os que ainda se encontravam escravizados (REIS, 2021, s.p).

O Sr. Antônio apresentou muito interesse pela história da igreja e da Irmandade do Rosário de Laguna, foi possível observar durante a nossa conversa que ele fez leituras acerca dos temas de irmandades negras no Brasil, bem como, buscou em bibliografias da própria cidade informações que, colocadas em sua narrativa, contribuíram com o processo de dar sentido ao território do Rosário. Logo, penso ser importante para a proposta dessa dissertação trazer sua narrativa sobre a irmandade do Rosário, constituída a partir de suas memórias sentimento, suas pesquisas, sua atuação no movimento negro da cidade. Ao alinhar esses elementos em uma *memória informativa*, o Sr. Antônio atribui valor ao Rosário, apontado ligações com as Áfricas e ampliando o pertencimento das populações negras na cidade de Laguna para além de uma objetificação do escravo, presente em narrativas brancas, ao atribuir agência e protagonismo no processo de construção de sua própria liberdade e formas de fé e celebração. Nesse sentido, trago à memória informativa, repleta de sentidos, dada em resposta à seguinte pergunta.

Eu — O senhor diria que a igreja do Rosário é um patrimônio que existe na nossa memória?

Sr. Antônio — Na nossa memória! Exatamente. É muito importante porque se você analisar a irmandade como um todo tinha uma coisa muito importante: ela serviu primeiro para uma socialização. Tinha gente que era escravizada, tinha gente que já tinha nascido livre, tinha libertos. Então era um pessoal que, quer dizer... a gente analisando a história da irmandade a gente sabe que era uma forma de cooptação da igreja católica do povo escravizado, dos libertos também. Dos negros em si que não tinha uma expressão social, digamos assim, uma identidade preservada de uma forma mais organizada. E a irmandade do Rosário permitiu que houvesse essa socialização, ela deu visibilidade à cultura negra. Uma coisa interessante; as festividades, você deve ter ouvido também nas histórias que o padrinho deve ter te contado, era coroado um rei e uma rainha nas festas! Tinha batuque, isso não era uma coisa católica. Na festividade da padroeira Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, que era a denominação, a festividade prosseguia de uma forma que havia uma manifestação já mais de matriz africana com batuque. Havia uma espécie de congado, de uma corte deste rei e dessa rainha. Essa irmandade criou uma forma de “aparentar”. [...] Vinham africanos de vários pontos da África, de tribos

diferentes, quer dizer, num sentido assim que não houvesse essa afinidade para talvez impedir a revolta. [então] essa irmandade do Rosário ela permitiu novamente uma forma de aglutinar e a cultura pelo menos ser restaurada (REIS, 2021, s.p).

Em sua memória, o Sr. Antônio refere-se a um tipo de experiência ocorrida em Laguna que ampliando nosso olhar podemos encontrar em várias partes do Brasil. Diferentes estudos apontaram para a importância das irmandades e associações religiosas formadas por populações africanas e de seus descendentes. Sayão identificou que tais estudos, principalmente os que focam no contexto anterior à abolição, estão pautados principalmente em documentações eclesásticas dos séculos XVIII e XIX. Neles as irmandades são entendidas enquanto “espaços de controle social da Igreja Católica, mas também como territórios de resistência da cultura africana e afro-brasileira” (SAYÃO, 2015, p. 133-134).

Nesse sentido, as memórias da professora Claudete e do Sr. Antônio trazidas até agora contribuíram para compreender alguns sentidos que o território do Rosário tem para parcela da população negra da cidade. Sentidos esses analisados em uma perspectiva de uma pesquisa qualitativa, onde considerei a circulação dessas pessoas pela cidade, sua inserção no tecido social e a mobilização de memórias compostas por características de sentimento, política e informação, que entendidas assim possibilitaram compreender os sentidos atribuídos ao Rosário relacionados a uma construção de pertencimento e reconhecimento da agência histórica negra na cidade. Nesse sentido, essas memórias costuradas a outras fontes permitiram observar que o território do Rosário tem a constituição em diferentes tempos e contextos, isso significa que os sentidos de pertencimento a esse território mudam conforme o movimento da vida, no entanto, sua existência resiste nas memórias e reivindicação das populações negras da cidade até tempo presente.

## **Considerações finais**

As reflexões trazidas neste artigo são fruto de uma pesquisa histórica que busca tencionar e ampliar as narrativas históricas hegemônicas instituídas pela colonialidade. A partir de uma discussão acerca da cidade de Laguna, sul de Santa Catarina, e as memórias e narrativas de suas populações negras, foi possível perceber haver muitas possibilidades para a construção do conhecimento histórico comprometido politicamente com a luta antirracista, bem como, perspectivas plurais de decolonização.

Nesse sentido, as memórias e narrativas das pessoas da pesquisa, Sr. Antônio e a professora Claudete, costuradas a outros vestígios acerca do território do Rosário constituem

elementos potencializadores de tensionamento no tempo presente da colonialidade. A partir dos trechos das entrevistas analisadas foi possível perceber que o passado que não passou gera demandas no presente. O Sr. Antônio e a professora Claudete ao identificarem questões como “quem conta a história” e “uma história mal contada” apontam não só para um questionamento da própria colonialidade como para a reivindicação de narrar suas próprias histórias. Os sentidos por eles atribuídos ao território do Rosário constituem um contraponto as narrativas históricas coloniais já estabelecidas na cidade de Laguna e em Santa Catarina.

Foi possível perceber também que ao se trabalhar com os temas tangenciados pelos passados no presente a partir de práticas de construção de conhecimento histórico que tenham como objetivo questionar a permanência de um passado colonial, que nesse sentido, na historiografia, causou e ainda causa para o epistemicídio das populações negras do país, é possível contribuir com a produção e consolidação do campo da História do Tempo Presente, marcada dentre outras coisas pelo comprometimento político com a memória dos mortos e demandas dos vivos. Assim sendo, uma articulação das perspectivas da decolonialidade com a HTP possibilita a construção de práticas teórico-metodológicas que levam em consideração a responsabilidade do profissional de história frente aos seus sujeitos de pesquisa e comprometido com as demandas de seu tempo presente.

## Referências bibliográficas

- ALBERTI, Verena. *Manual de história oral*. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.
- AREND, Silvia Maria Fávero; CUNHA, Maria Teresa Santos; LOHN, Reinaldo Lindolfo; RODRIGUES, Rogério Rosa. Apresentação. *Revista Tempo & Argumento*, 6 out. 2021, Edição Especial IV Seminário Internacional História do Tempo Presente.
- AVÉ-LALLEMANT, Robert. *Viagens pelas províncias de Santa Catarina, Paraná e São Paulo (1858)*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1980.
- BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramon. Introdução: Decolonialidade e Pensamento Afro diaspórico. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramon (orgs.) *Decolonialidade e Pensamento Afrodiaspórico*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. p. 9-26.
- BHABHA, Homi. *O local da cultura*. 4. reimp. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.
- BITENCOURT, João Batista. *Laguna: uma análise sobre o discurso de cidade histórica*. Criciúma: Ediunesc; Florianópolis: Dois Por Quatro, 2016.

- CABRAL, Oswaldo R. *Laguna; e outros ensaios*. [Florianópolis]: IOESC, 1939.
- CARDOSO, Paulino de Jesus Francisco. Apresentação. In: CARDOSO, Fernando Henrique. *Negros em Florianópolis: relações sociais e econômicas*. Florianópolis: Insular, 2000.
- CARDOSO, Paulino de Jesus Francisco; MALAVOTA, Claudia Mortari (org.). *Pretos/as do Rosário: A irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos (século XIX)*. Itajaí: Ed. Casa Aberta, 2008.
- CARNEIRO, Aparecida Sueli. *A construção do outro como não-ser como fundamento do ser*. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.
- DALL’ALBA, João Leonir. *Laguna antes de 1880: documentário*. Florianópolis: Lunardelli: UDESC/DAPE, [1979].
- DELACROIX, Christian. A história do tempo presente, uma história (realmente) como as outras? *Tempo e Argumento* (Florianópolis), v. 10, n. 23, p. 39 - 79, jan./mar., 2018.
- GONÇALVES, Janice. *Sombrios umbrais a transpor: Arquivos e historiografia em Santa Catarina no século XX*. 2006. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.
- GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. *Tempo Brasileiro* (Rio de Janeiro), n. 92/93, p. 69-82, 1988.
- GROSGOUEL, Ramón. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: Transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. *Revista Crítica de Ciências Sociais* [Online], v. 80. Disponível em: <http://rccs.revues.org/697>, 2008.
- LEITE, Ilka Boaventura. Descendentes de africanos em Santa Catarina: invisibilidade e segregação. In: LEITE, Ilka B. (org.). *Negros no sul do Brasil: invisibilidade e territorialidade*. Florianópolis: Letras Contemporânea, 1996.
- LOZANO, Jorge Eduardo Aceves. Práticas e estilos de pesquisa na história oral contemporânea. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (org.). *Usos & abusos da história oral*. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. 15-25.
- MBEMBE, Achille. *Crítica da Razão Negra*. Lisboa: Antígona, 2014.
- MIGNOLO, Walter D. **Histórias locais/Projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.
- MORTARI, Cláudia; WITTMANN, Luisa Tombini. Histórias compartilhadas: propostas universitárias de construção de conhecimentos decolonizados. *Revista PerCursos* (Florianópolis), v. 19, n. 39, p. 154-176, jan./abr., 2018.

- MORTARI, Claudia. O “equilíbrio das histórias”: reflexões em torno de experiências de ensino e pesquisa em História das Áfricas. In: PAULA, Simoni Mendes de; CORREA, Sívio Marcus de Souza (Orgs.). *Nossa África: ensino e pesquisa*. São Leopoldo: Oikos, 2016, p. 41-53.
- NASCIMENTO, Claudete do. [Entrevista concedida a] Willian Felipe Martins Costa via internet. Laguna, 5 de abril de 2021.
- PAULINO, Rosana. *A costura da memória*. São Paulo: Pinacoteca de São Paulo, 2018.
- REIS, Antônio Luiz dos. [Entrevista concedida a] Willian Felipe Martins Costa via internet. Laguna, 2 de fevereiro de 2021.
- ROUSSO, Henry. *A última catástrofe: a história, o presente e o contemporâneo*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2016.
- SAYÃO, Thiago Juliano. As heranças do Rosário: associativismo operário e o silêncio da identidade étnico-racial no pós-abolição, Laguna (SC). *Revista Brasileira de História* (São Paulo), v. 35, n. 69, p. 131-154, 2015.
- QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (org.). *Epistemologias do sul*. São Paulo: Cortez, 2009. p. 73-117.
- ULYSSÉA, Nail. Três séculos na Matriz de Santo Antônio dos Anjos da Laguna. In: *Santo Antônio dos Anjos da Laguna: seus valores históricos e humanos*. Publicação comemorativa da passagem do seu tricentenário de Fundação. Florianópolis: IOESC, 1976.
- ULYSSÉA, Saul. A Laguna de 1880. Florianópolis: IOESC, 1943.
- WOLFF, Cristina Scheibe. Historiografia catarinense: uma introdução ao debate. *Revista Santa Catarina em História* (Florianópolis), v. 1, n. 1, 2009.